

Mulheres sob a sombra do medo

» CAROLINE POMPEU
ESPECIAL PARA O CORREIO

O Mapa da Violência 2015 — Homicídio de mulheres no Brasil, apresentado em 9 de novembro, revelou que as taxas de homicídios contra mulheres no Distrito Federal aumentaram 25,8%, de 2003 (62) a 2013 (78), colocando a região em 14º lugar entre as unidades da Federação. No Brasil, o estudo apontou um aumento de 21% na década, colocando o DF acima do índice nacional. A Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso) elaborou o levantamento.

Uma dessas vítimas, Ana Grasiella Oliveira Montes, foi asfixiada até a morte pelo então companheiro em 2012. Ele não aceitava a separação e a perseguiu. Neste mês, Arismar Brito Rodrigues acabou condenado a 22 anos de prisão por homicídio duplamente qualificado. A irmã da vítima, a professora Daniela Oliveira da Silva, contou que Ana Grasiella tinha medo de relatar as agressões à polícia. “As mulheres sofrem violência porque não têm coragem de denunciar e, quando vão fazer a denúncia, a própria polícia não está preparada para receber. Falta auxílio, instrução e pessoas capacitadas para acompanhá-las. As mulheres têm de sair de casa e ir para bem longe. Não adianta ficar no mesmo ambiente do agressor”, afirma.

A professora titular de antropologia da Universidade de Brasília (UnB) Lia Zanotta Machado explica que, atualmente, as mulheres confiam mais em seus direitos. Mas, ainda assim, é grande a quantidade de homens violentos. Segundo ela, muitos agem como se ainda vivessem em épocas em que era comum castigar ou matar adúlteras. “Muitos relutam a aceitar os direitos delas. Eles acreditam que têm o direito de posse e poder para corrigi-las. Muitos ainda têm o pensamento de que, se a mulher não é mais deles, se não consegue mais controlá-la, deve matá-la. Mas uma coisa é fato: elas estão menos caladas, menos obedientes. Quer denunciem ou não, elas reconhecem mais os seus direitos”, destacou.

A subsecretária de Políticas para Mulheres da Secretaria de Trabalho, Desenvolvimento Social, Política para Mulheres, Igualdade Racial e Direitos Humanos (Semidh), Silvana Matilde, ressalta que os números do Mapa da Violência para o DF não estão entre os mais preocupantes do país. Apesar disso, Silvana admite que o trabalho deve ser contínuo e diário. “A violência contra a mulher não é um fato novo, é antigo tanto quanto a humanidade. O que temos de pensar é em superar isso como condição necessária para a construção da sociedade, pensando nos que ainda virão”, salientou.

Os homicídios contra negras foram os que mais aumentaram no Brasil e no DF, segundo o levantamento. Na década de 2003 a 2013, a alta na capital federal foi

de 46,7%, enquanto no Brasil chegou a 54,2%. A violência, porém, de acordo com a professora Lia Zanotta, não significa apenas racismo. “Grande parte das mulheres negras tem companheiros. Nessas relações íntimas, pode não ser encontrado o racismo, mas podem ser encontrados critérios machistas pelos companheiros negros”, frisou. A subsecretária Silvana Matilde acredita ser uma questão patriarcal, de falta de empoderamento dessas mulheres. “Os negros, há muito tempo, são vítimas de violência. Com os dados apresentados no mapa, vamos discutir de que forma podemos trabalhar para combater a violência contra essas mulheres”, concluiu.

Coragem

A intenção dos dados divulgados nos Mapas da Violência não é fazer um diagnóstico da violência no país, mas auxiliar o debate. O estudo também apontou que, no ano passado, 1.769 mulheres vítimas de violência no DF receberam atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS), ou seja, a cada 10 mil, 11,9 foram atendidas. Outro dado mostra que, em 2013, mais de 60 mil sofreram agressões, metade delas por conhecidos.

Ao se posicionarem, não aceitarem a situação e denunciarem, muitas evitam a morte. Maria (nome fictício), 24 anos, há um mês colocou um fim naquilo que enfrentou por um ano e quatro meses. Ela buscou ajuda e registrou ocorrência. Hoje, está na Casa Abrigo, onde, com a filha, recebe assistência e atendimento. “O meu marido me maltratava, agredia, me derrubava no chão, dizia que iria me matar. Eu tinha de ficar presa dentro de casa, ele tinha muito ciúmes. Eu não podia mais ir à igreja, nem à casa das minhas amigas. Ele começou a me sufocar, não deixava eu me arrumar mais. Uma amiga falava para eu fazer ocorrência, senão ele iria me matar. Mas eu tinha medo, estava cega. Sofri ameaças, violência física e psicológica, estava muito depressiva, mas tomei coragem e consegui sair dessa situação”, contou.

Para a professora Lia Zanotta, porém, em grande parte das cidades os recursos das delegacias e dos juizados são escassos. “De um lado, as denúncias estão aumentando no país. Do outro, talvez não haja o mesmo aumento na proteção às mulheres. Elas recebem uma medida protetiva, mas deve haver fiscalização. Quando ela é bem feita, a eficácia da Lei Maria da Penha para proteger é enorme”, concluiu. “O objetivo é que o ciclo de violência se rompa. Brasília tem condições de oferecer todo o atendimento e acompanhamento para essas mulheres vítimas de violência. O trabalho nunca parou, mas deve receber um olhar especial sobre ele”, assegurou a subsecretária Silvana Matilde.



Pacífico/CB/D.A. Press

» Memória

2013 Março

Fernanda Grasielly de Almeida Alves foi assassinada pelo ex-marido, a facadas, na loja onde trabalhava, em um shopping da Octogonal. O casal havia se separado há um ano e tinha uma relação conturbada. Fernanda havia prestado queixa por ameaça contra o ex-companheiro em abril de 2012. O acusado respondeu por homicídio qualificado, pois o crime foi premeditado, ocorreu

por motivo fútil e sem chance de defesa da vítima.

Janeiro

Amanda Pedro Silva, 14 anos, morreu esfaqueada pelo ex-namorado Jeziel Pereira da Silva, 23, no Recanto das Emas, após se negar a reatar o relacionamento de cinco meses. O acusado entrou na residência armado com uma faca e acertou a ex-namorada pelas costas. Depois, fugiu a pé. Jeziel respondeu por homicídio duplamente qualificado.

Em risco

Destinada às mulheres que tenham sofrido violência e estejam em situação de risco em seus lares. A Casa Abrigo recebe, em média, 35 pessoas por dia entre mulheres, crianças e adolescentes.

Alternativas

Atualmente, o DF conta com nove Núcleos de Atendimento às Famílias e aos Autores de Violência Doméstica (Nafavd), três Centros Especializados de Atendimento à Mulher (CEAM), a Casa Abrigo e, o mais recente deles, a Casa da Mulher Brasileira.